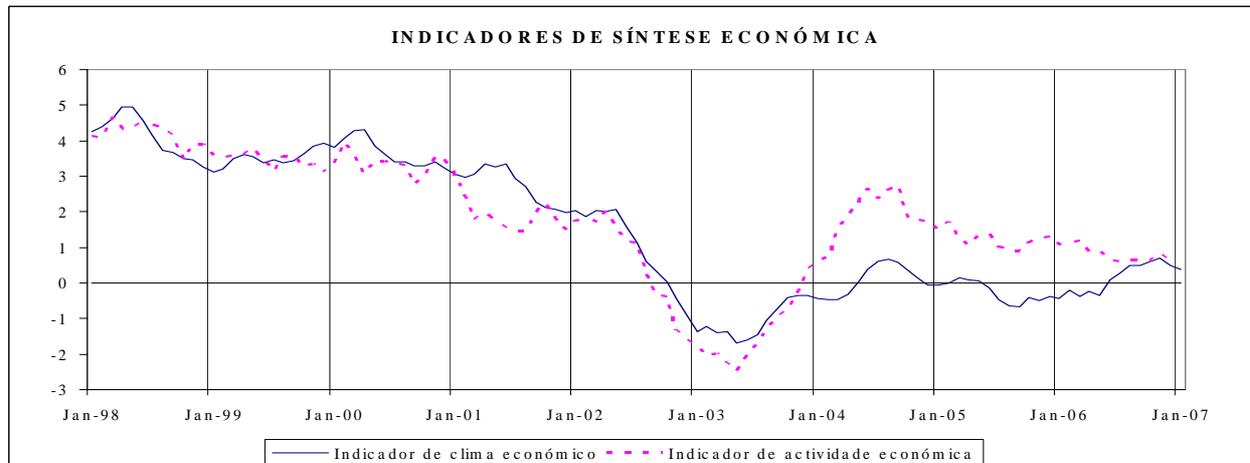




SÍNTESE ECONÓMICA DE CONJUNTURA – Quarto trimestre de 2006

Departamento de Estatísticas Macroeconómicas



A actividade económica no quarto trimestre desenvolveu-se a um ritmo semelhante ao do trimestre anterior. Esta indicação é extraída dos indicadores de clima e de actividade económica, se bem que na generalidade dos indicadores quantitativos sobre os principais sectores de actividade se observe alguma desaceleração no quarto trimestre. O conjunto de informação disponível aponta ainda para que o patamar de crescimento no segundo semestre tenha sido superior ao que se verificou na primeira metade do ano de 2006. A única excepção a este comportamento continua a ser o sector de construção e obras públicas, cuja evolução se agravou entre o primeiro e o segundo semestre, embora possa ter ocorrido uma evolução menos desfavorável entre o terceiro e o quarto trimestre. O ritmo de crescimento da actividade foi sustentado pela procura externa em termos líquidos, enquanto a procura interna deverá ter recuado face ao comportamento positivo alcançado no terceiro trimestre. O consumo privado deverá ter desacelerado e o investimento terá voltado a evoluir de forma mais negativa. Por outro lado, o dinamismo das exportações deve ser realçado, estimando-se que o crescimento em valor das exportações tenha superado o andamento do indicador de procura externa, por uma ordem de grandeza semelhante à que se verificou no terceiro trimestre. No lado do mercado de trabalho não se mantiveram os sinais claramente positivos evidenciados no trimestre anterior, tendo ocorrido um menor crescimento do emprego e um aumento do desemprego, a que correspondeu um agravamento da taxa de desemprego em termos homólogos, quando no terceiro trimestre já se verificara uma diminuição. A informação proveniente dos centros de emprego não contraria esta avaliação do trimestre, nem tão pouco as expectativas das empresas sobre a criação de emprego, porém para Janeiro já revela um cenário mais favorável. O IPC registou uma significativa desaceleração no quarto trimestre, em grande parte devido ao abrandamento do crescimento dos preços dos combustíveis. A inflação subjacente também desacelerou, mas menos intensamente. Em Janeiro verificou-se uma ligeira aceleração da inflação, mas a inflação subjacente manteve-se em desaceleração.

Do lado da oferta, as indicações qualitativas, baseadas nas apreciações dos empresários, foram mais favoráveis do que as que se podem recolher da informação quantitativa, nomeadamente dos Indicadores de Curto Prazo. Com efeito, embora o indicador de clima económico tenha estabilizado face ao resultado do terceiro trimestre, os indicadores sectoriais de confiança melhoraram no comércio e nos restantes serviços. Na indústria o indicador de clima não melhorou mas manteve-se no patamar mais elevado dos últimos anos. Apenas na construção não se descortinaram quaisquer melhorias no grau de confiança dos empresários. Já os indicadores de natureza quantitativa apresentaram um andamento menos vivo do que no trimestre anterior. O índice de produção da indústria transformadora desacelerou, embora este movimento se desvaneca quando se exclui o grupo de fabricação de produtos petrolíferos refinados, caso em que a variação homóloga estabilizaria em 2,4%. Mas o abrandamento mais intenso deu-se no índice de volume de negócios dos serviços. Este comportamento foi generalizado a todos os sub-sectoros, apenas com a excepção do de transportes, armazenagem e comunicações, tendo sido particularmente intensas as reduções nas variações homólogas dos índices do comércio de automóveis e do comércio a retalho, bem como do das actividades imobiliárias. No primeiro e no terceiro casos tal significou que se registaram quebras mais agravadas. Na construção, mantiveram-se as evoluções negativas no índice de produção, se bem que um pouco menos intensas do que no trimestre anterior.

Quanto à procura interna, destaca-se o seu recuo face ao comportamento positivo que se verificara no terceiro trimestre. O consumo privado deverá ter registado um comportamento mais

moderado, tanto em termos de bens e serviços correntes como no caso do consumo de bens duradouros. Neste último, as indicações são provenientes quer da evolução das vendas de automóveis, quer do comportamento dos índices de volume de vendas de bens duradouros do comércio a retalho. No caso do consumo corrente, para além do comportamento dos índices de volume de vendas, há ainda a considerar os comportamentos de outros indicadores parcelares. A informação disponível sugere que o investimento tenha continuado em quebra, eventualmente mais intensa do que no trimestre anterior. O investimento em construções continuou negativo, embora nem toda a informação aponte para que a quebra tenha sido mais intensa do que no trimestre precedente. Porém, a componente de material de transporte terá registado uma evolução muito negativa, ao contrário do que sucedera no trimestre anterior, em que se registara um forte crescimento, mas por motivos circunstanciais. A informação sobre o investimento de máquinas e equipamentos aponta para a continuação da recuperação desta componente.

Segundo a informação preliminar do comércio externo, manteve-se o elevado dinamismo por parte das exportações, a par de um marcado abrandamento das importações. O valor das exportações cresceu 12,7%, aproximadamente ao mesmo ritmo que no trimestre precedente, enquanto o crescimento das importações se situou em cerca de 5,5%, o que traduz uma desaceleração na ordem de 3,0 p.p.. Para um comportamento dos deflatores não muito diferente da que ocorreu no terceiro trimestre, tais evoluções reflectir-se-ão numa nova contribuição positiva da procura externa líquida para o crescimento do produto. Refira-se ainda que o crescimento das exportações se mantém desde Maio de 2006 acima do crescimento das importações dos nossos principais clientes.

No mercado de trabalho não se mantiveram os sinais claramente positivos evidenciados no trimestre anterior. Com efeito, verificou-se um abrandamento do crescimento do emprego e foi interrompida a tendência de desagramento do desemprego que se verificava desde o segundo trimestre de 2005 e que permitira uma diminuição no primeiro de 2006. A taxa de desemprego voltou a aumentar em termos homólogos, contrariando a evolução que se verificara no trimestre anterior, e que vinha também no seguimento de uma tendência de abrandamento. A informação proveniente dos centros de emprego aponta no mesmo sentido, registando-se no trimestre uma contração das ofertas de emprego, enquanto os pedidos de emprego por parte de desempregados voltaram a aumentar. As expectativas dos empresários quanto à evolução do emprego foram também mais desfavoráveis do que no terceiro trimestre. Os únicos sinais favoráveis encontraram-se no indicador de emprego de Curto Prazo, que evoluiu menos negativamente, e nas opiniões das famílias sobre a evolução do desemprego. Porém, a informação disponível para Janeiro, quer das expectativas dos agentes económicos, quer dos Centros de Emprego, apresenta-se já favorável.

A inflação passou de 3,0% para 2,5% do terceiro para o quarto trimestre, desaceleração que foi determinada sobretudo pelo abrandamento dos preços dos combustíveis. Assim, a componente de serviços desacelerou ligeiramente, enquanto a de bens apresentou uma desaceleração mais intensa, na ordem de 0,7 p.p.. A inflação subjacente também desacelerou no quarto trimestre, mas tenuemente, mantendo-se no patamar em torno do qual foi oscilando ao longo do ano. Em Janeiro a inflação passou de 2,5% para 2,6%, devido ao comportamento mais irregular e sazonal de alguns produtos, mas a inflação subjacente desacelerou.

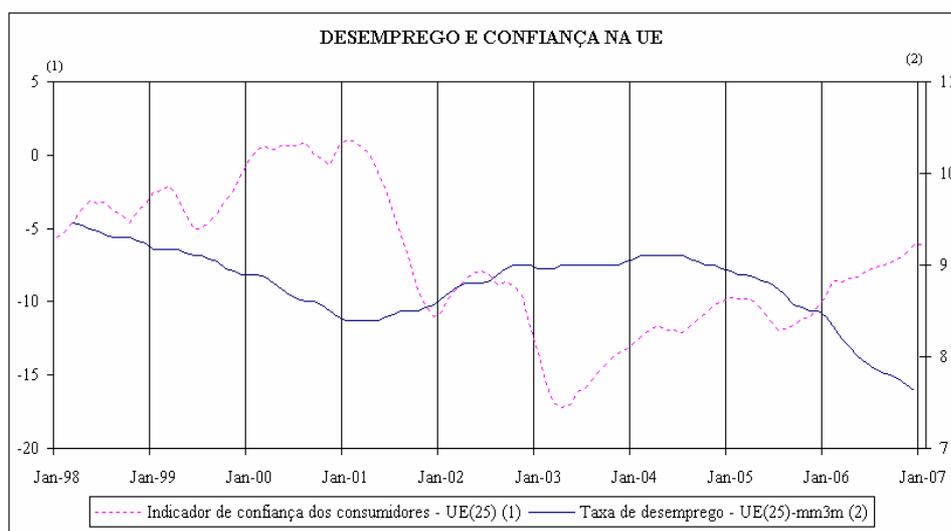
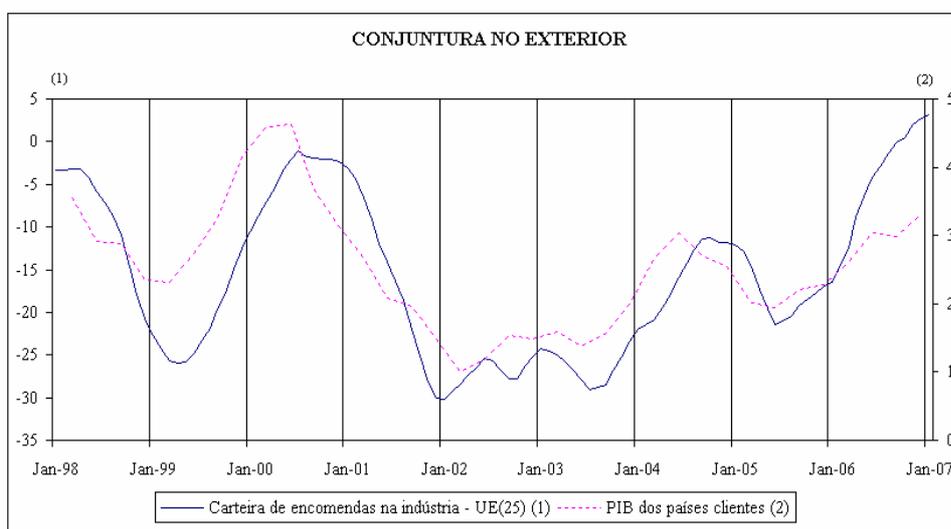
Relatório concluído com base na informação disponível até 21 de Fevereiro de 2007.

Próximo relatório será divulgado a 19 de Março de 2007.



ENQUADRAMENTO EXTERNO

		Ano 2005	Ano 2006	Trimestre 4º 2005	Trimestre 1º 2006	Trimestre 2º 2006	Trimestre 3º 2006	Trimestre 4º 2006	Nov-06	Dez-06	Jan-07
Actividade económica											
PIB dos países clientes	vcs/vh	2,1	3,0	2,3	2,6	3,0	3,0	3,3	n. d.	n. d.	n. d.
Índice de produção industrial dos países clientes	vcs/vh-mm3m	0,8	3,0	1,4	2,6	3,2	3,3	3,0	3,2	3,0	-
Confiança e desemprego											
Carteira de encomendas na indústria da UE(27)	sre/vcs-mm3m	-18,0	-3,5	-16,9	-12,5	-4,2	0,0	2,7	2,0	2,7	3,1
Indicador de confiança dos consumidores na UE(27)	sre/vcs-mm3m	-10,7	-7,5	-10,3	-8,6	-7,9	-7,4	-6,1	-6,7	-6,1	-6,1
Taxa de desemprego na UE(27)	vcs/%	8,7	7,9	8,5	8,2	7,9	7,8	7,6	7,6	7,6	-
Preços											
Índice harm. de preços no consumidor na área Euro	vh	2,2	2,2	2,3	2,3	2,5	2,1	1,8	1,9	1,9	-
Índ. de preços na produção dos países fornecedores	vh-mm3m	3,8	4,2	3,7	4,3	4,8	4,5	3,2	3,3	3,2	-
Índice de preços de matérias-primas	vh-mm3m	4,2	27,6	13,2	18,5	27,8	30,6	33,0	32,9	33,0	29,0





ENQUADRAMENTO EXTERNO

No terceiro trimestre já se verificara um enquadramento externo globalmente auspicioso e no último trimestre do ano passado ter-se-á registado um reforço dos sinais positivos.

A informação disponível sobre a evolução do PIB para o último trimestre de 2006 revela um reforço do crescimento nos principais países clientes de Portugal, atingindo um nível que já não se verificava desde terceiro trimestre de 2000. Neste grupo de países apenas a Bélgica e os Países Baixos apresentaram desacelerações, embora de reduzida intensidade. Nos EUA a taxa de variação homóloga do PIB passou de 3,0% para 3,4%, do terceiro para o quarto trimestre e no Japão a evolução foi de 1,7% para 2,2%, de acordo com a informação divulgada pela OCDE. Na UE será de destacar a recuperação notada na Alemanha, com uma aceleração de 0,6 pontos percentuais (p.p.), situando-se a variação homóloga em 3,7% no último trimestre do ano findo, e a persistência de elevadas taxas de crescimento em Espanha, que inclusive acelerou no último trimestre, passando de 3,8% para 4,0%. É também de notar a aceleração de 1,2 p.p. apresentada na Itália. A estimativa rápida apresentada pelo Eurostat para o quarto trimestre refere um crescimento homólogo do PIB da UE(25) de 3,4%, o que corresponde a uma aceleração de 0,4 p.p..

De acordo com os dados da OCDE, a desaceleração de 0,5 p.p. do PIB dos EUA observada no terceiro trimestre foi notada em todas as componentes da procura interna. No caso da procura externa, verificaram-se acelerações em ambas as componentes, mas ligeiramente mais intensas nas exportações. Relativamente ao quarto trimestre, na procura interna, apenas a formação bruta de capital fixo não contribuiu positivamente para a aceleração do PIB em 0,4 p.p.. Por seu turno, na procura externa observou-se uma desaceleração nas importações e uma pequena aceleração nas exportações.

A desaceleração do PIB de 0,5 p.p. do Japão no terceiro trimestre foi comum a todas as componentes da procura interna. Na procura externa notou-se uma desaceleração das importações mais intensa do que a apresentada pelas exportações.

Na Alemanha o reforço do crescimento económico entre o segundo e o terceiro trimestre ficou a dever-se tanto à componente interna, onde apenas a formação bruta de capital fixo desacelerou, como à externa, em que se registaram acelerações ligeiras tanto nas importações como nas exportações, mas devido ao maior peso destas últimas o efeito resultante terá acabado por ser positivo.

O índice de produção industrial para o conjunto dos países clientes, com informação até Novembro de 2006 já divulgada pela OCDE, apresentou desacelerações de 0,1 p.p. e 0,4 p.p., respectivamente face ao terceiro trimestre e a Outubro de 2006, situando-se em Novembro em 3,2%. Numa primeira estimativa, apura-se em Dezembro uma variação de 3,0% para este indicador, reforçando o abrandamento de Novembro.

As expectativas dos empresários da indústria da UE(27) sobre a carteira de encomendas prolongaram em Janeiro a tendência ascendente que se verifica desde o início do segundo semestre

de 2005. O indicador de confiança dos consumidores da UE(27) estabilizou em Janeiro no melhor valor desde Setembro de 2001, suspendendo a tendência favorável iniciada em Agosto de 2005.

A taxa de desemprego da UE(27), com valores corrigidos de sazonalidade, foi de 7,6% no final do quarto trimestre, o que compara com as taxas de 7,8%, 7,9% e 8,2% registadas no final do terceiro, segundo e primeiro trimestres de 2006, respectivamente. No mês de Dezembro a correspondente taxa situou-se em 7,6%, o mesmo valor que em Novembro, mas menos 0,2 p.p. do que o verificado em Setembro, tendo-se observado um ténue perfil descendente desde Agosto de 2004. Paralelamente, este indicador registou em Dezembro valores de 4,5% e 4,1%, nos EUA e no Japão, respectivamente, o que correspondeu a uma estabilização, no primeiro caso, e a um aumento de 0,1 p.p., no segundo, face ao ocorrido no mês anterior. Do terceiro para o quarto trimestre a taxa de desemprego diminuiu 0,1 p.p. em ambos os países.

O índice de preços de matérias-primas denominado em dólares americanos, divulgado pelo *The Economist* registou uma aceleração de 2,4 p.p. do terceiro para o quarto trimestre, prolongando a aceleração que se verificara do segundo para o terceiro trimestre e que fora na ordem de 2,8 p.p.. Em Janeiro ocorreu a primeira desaceleração dos últimos cinco meses, situando-se a variação homóloga em 29,0%. Após a interrupção ocorrida em Dezembro passado no abrandamento dos preços do petróleo (*Brent*) em dólares, em Janeiro esse perfil foi retomado, observando-se a primeira taxa de variação homóloga negativa desde o trimestre concluído em Fevereiro de 2004. Quando convertidos em euros, os preços apresentam um movimento descendente desde Março de 2006, registando-se evoluções negativas desde Outubro. Em Dezembro a quebra foi atenuada face à do mês anterior, reflectindo a subida dos preços em USD, mas em Janeiro voltou a intensificar-se, devido ao efeito combinado da descida do preço em dólares e da depreciação desta moeda face ao euro.

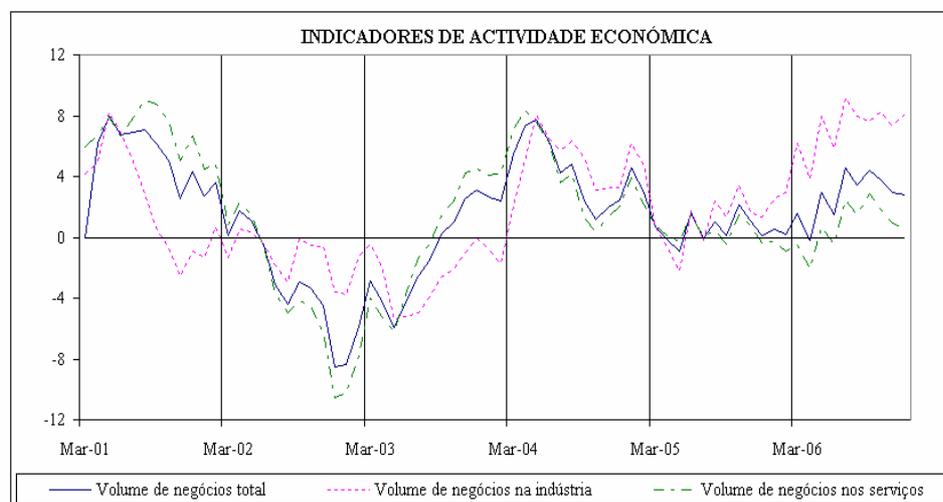
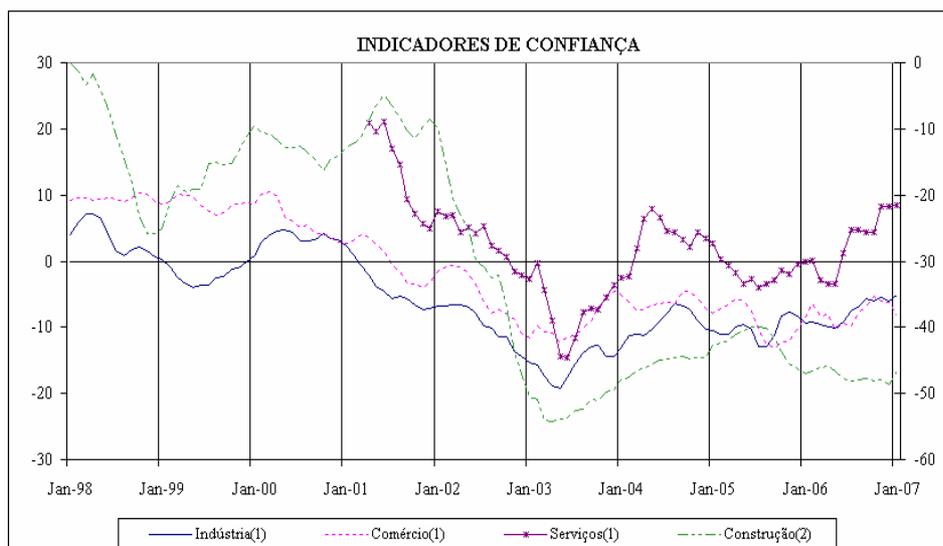
O índice de preços na produção no conjunto dos países fornecedores da economia portuguesa situou-se em 3,2%, abrandando 1,3 p.p. face ao trimestre anterior e registando o menor valor desde Julho de 2004.

Na Zona Euro a taxa de inflação média do quarto trimestre situou-se em 1,8%, menos 0,3 p.p. do que no trimestre anterior e apresentando abrandamentos de 0,7 p.p. e de 0,5 p.p. face ao segundo e primeiro trimestres de 2006, respectivamente. Em Novembro e Dezembro a variação homóloga mensal do índice de preços foi idêntica (1,9%), o que se registou após a aceleração de 0,3 p.p. face a Outubro. A estimativa rápida da inflação na Zona Euro para Janeiro, elaborada pelo Eurostat, prolonga a estabilização já notada em Dezembro. De Novembro para Dezembro, a variação homóloga dos preços no consumidor passou de 2,0% para 2,5% nos EUA, e estabilizou em 0,3% no Japão.



ACTIVIDADE ECONÓMICA

		Ano 2005	Ano 2006	Trimestre 4º 2005	Trimestre 1º 2006	Trimestre 2º 2006	Trimestre 3º 2006	Trimestre 4º 2006	Nov-06	Dez-06	Jan-07
Indicadores qualitativos											
Indicador de clima económico	sre/mm3m	-0,3	0,2	-0,4	-0,4	0,1	0,5	0,5	0,7	0,5	0,4
Indicador de confiança na indústria	sre/mm3m	-10,2	-7,6	-8,2	-9,6	-9,2	-5,7	-6,1	-5,4	-6,1	-5,1
Indicador de confiança no comércio	sre/mm3m	-9,4	-7,7	-10,3	-8,3	-9,5	-6,8	-6,3	-6,0	-6,3	-8,2
Indicador de confiança na construção	sre/mm3m	-42,5	-47,5	-46,2	-46,0	-47,7	-47,7	-48,7	-47,8	-48,7	-46,7
Indicador de confiança nos serviços	sre/mm3m	-1,6	2,8	-0,4	-2,8	1,2	4,4	8,3	8,3	8,3	8,4
Indicadores de actividade económica											
Indicador de actividade económica	mm3m	1,2	0,8	1,3	1,2	0,6	0,6	0,6	0,8	0,6	-
Índice de produção da indústria transformadora	vh-mm3m	-1,6	2,0	1,2	1,8	1,3	2,5	2,3	3,1	2,3	-
Índice de produção da construção	vh-mm3m	-4,9	-6,6	-4,0	-3,6	-7,6	-8,1	-7,3	-6,9	-7,3	-
Índice de vol. de neg. comércio a retalho (deflacionado)	vh-mm3m	1,7	0,5	0,5	-0,1	-0,6	2,7	0,1	0,8	0,1	-
Índice de vol. de negócios total	vh-mm3m	0,6	2,6	0,1	1,6	1,5	4,4	2,8	3,0	2,8	-
Índice de vol. de negócios na indústria	vh-mm3m	1,3	7,0	1,3	6,2	5,8	7,7	8,1	7,3	8,1	-
Índice de volume de negócios nos serviços	vh-mm3m	0,3	0,6	-0,4	-0,5	-0,4	2,9	0,5	1,0	0,5	-
Dormidas na hotelaria	vh/mm3m	4,2	5,9	4,9	-1,5	10,1	5,7	7,4	5,9	7,4	-
Consumos energéticos											
Energia Eléctrica	vh-mm3m	4,7	3,2	3,4	3,9	1,9	3,8	3,2	3,1	3,2	3,0
Vendas de gasóleo	vh-mm3m	0,2	-2,3	-1,4	-2,1	-3,8	-1,6	-1,6	0,2	-1,6	-





ACTIVIDADE ECONÓMICA

A actividade económica no quarto trimestre desenvolveu-se a um ritmo semelhante ao do trimestre anterior. Esta avaliação é extraída dos indicadores de clima e de actividade económica, se bem que na generalidade dos indicadores quantitativos sobre os principais sectores de actividade se observe alguma desaceleração. Globalmente, o patamar de crescimento no segundo semestre foi superior ao da primeira metade do ano de 2006. Desconte-se o caso da construção e obras públicas, cuja evolução se agravou entre o primeiro e o segundo semestre, embora possa ter ocorrido uma evolução menos desfavorável entre o terceiro e o quarto trimestre.

O indicador de clima económico estabilizou entre o terceiro e o quarto trimestre de 2006, embora a evolução intra-trimestre apresente, após a melhoria de Outubro e Novembro, um leve movimento descendente, que se prolongou para Janeiro do corrente ano. O sinal extraído do comportamento do indicador de actividade, com informação até Dezembro passado, aponta no mesmo sentido.

No que diz respeito ao clima económico, refira-se a melhoria das apreciações dos empresários do comércio e dos serviços no quarto trimestre, que transparece através da evolução dos indicadores de confiança. Na construção e na indústria transformadora, pelo contrário, verificou-se um agravamento das opiniões. De Dezembro para Janeiro do corrente ano, nos serviços mantiveram-se as tendências de melhoria, enquanto no caso do comércio se registou um retrocesso, tanto na componente grossista como na retalhista. Na construção, porém, verificou-se alguma recuperação, baseada nas apreciações menos desfavoráveis tanto na componente de construção de edifícios como na de obras públicas. O mesmo se verificou na indústria, devido às opiniões manifestadas nos agrupamentos de bens de consumo, de investimento e de fabricação de automóveis.

Quanto à informação quantitativa, designadamente dos Indicadores de Curto Prazo, refira-se, em primeiro lugar, a desaceleração da actividade na indústria transformadora, a avaliar pelo índice de produção. Este índice registou um crescimento de 2,3% no quarto trimestre, o que compara com o crescimento 2,5% no trimestre precedente. A imagem de abrandamento desvanecese, porém, quando se exclui o grupo de fabricação de produtos petrolíferos refinados, caso em que a variação homóloga do IPI estabilizaria em 2,4%. O abrandamento foi causado pelos comportamentos dos agrupamentos de bens intermédios, principalmente, e de bens de investimento, secundariamente. No primeiro caso verificou-se uma desaceleração de 1,4 p.p. passando a variação homóloga trimestral para 2,7%, tendo o abrandamento sido menos intenso no caso do agrupamento de bens de investimento, na ordem de 0,4 p.p., para uma variação homóloga de 0,4%. Pelo contrário, no agrupamento de bens de consumo voltou a registar-se uma variação positiva, de 2,3%, o que representa um crescimento bastante mais intenso do que no trimestre anterior, no qual se verificara uma variação de 0,4%. E tal como nesse trimestre foi a componente de bens de consumo corrente que forneceu a contribuição positiva. Note-se que em evolução trimestral e não considerando estes dois últimos trimestres, a última vez em que ocorreu uma variação positiva neste agrupamento foi

no terceiro trimestre de 2002 (em Dezembro de 2006 o índice de base 2000 situava-se em 90,9). A evolução do volume de negócios na indústria transformadora manteve-se positiva e em aceleração, passando a variação homóloga de 7,5% para 8,0%. Também neste indicador se observou um abrandamento no agrupamento de bens intermédios e uma aceleração no de bens de consumo. A diferença relativamente ao índice de produção situou-se no comportamento do agrupamento de bens de investimento, cujo índice de volume de negócios acelerou, e de modo significativo (de 5,7% para 15,0%).

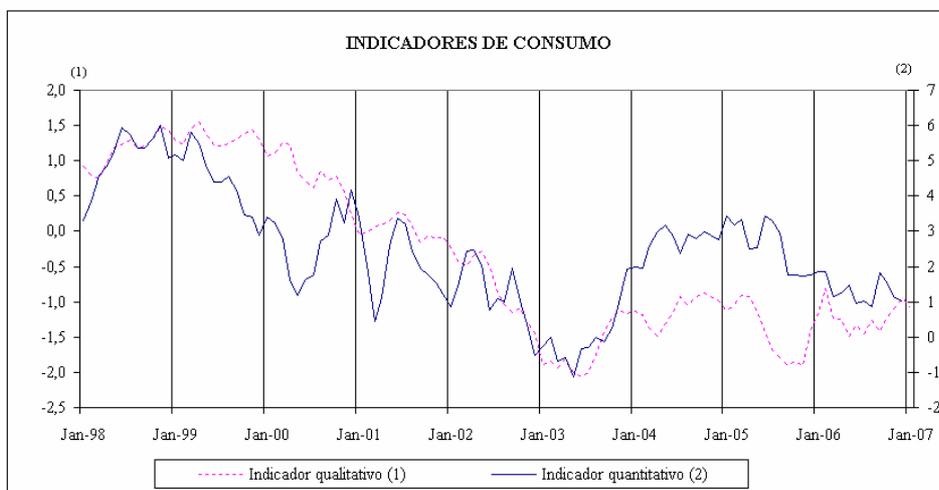
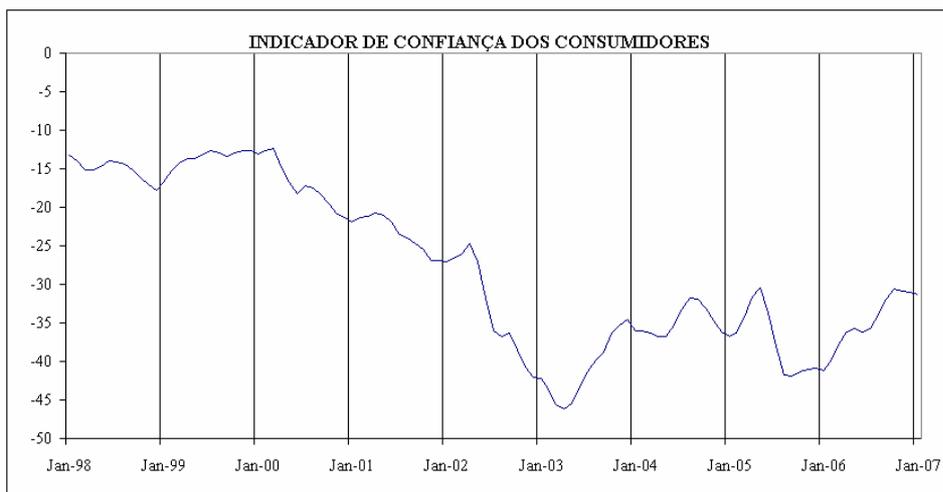
No caso dos serviços, os Indicadores de Curto Prazo revelam um abrandamento com alguma intensidade, tendo a variação homóloga do índice de volume de negócios desacelerado de 2,9% para 0,5%. Esta desaceleração resultou de reduções generalizadas nas taxas de variação homólogas dos sub-sectores componentes. A excepção situou-se nos sub-sector de transportes, armazenagem e comunicações, que registou uma aceleração de 0,4 p.p., passando a evoluir a 4,3%. A contribuição mais importante para o abrandamento do sector foi dada pelo comércio, principalmente pelo sub-sector de comércio e reparação de automóveis e venda de combustíveis, cujo índice de volume de vendas registou um agravamento na taxa de variação homóloga de 7,9 p.p., passando para -8,5%. Nas outras componentes do comércio também se verificaram reduções das taxas de variação, mas estas mantiveram-se positivas. No caso do comércio a retalho deu-se uma forte desaceleração, sendo as variações homólogas de 4,6% e de 1,9% no terceiro e no quarto trimestre, respectivamente, daí resultando a segunda contribuição sub-sectorial mais importante para a desaceleração do total dos serviços. Outra contribuição significativa foi dada pelo sub-sector de actividades imobiliárias e de prestação de serviços às empresas. O índice deste agrupamento registou uma variação homóloga de -4,2%, o que compara com a variação de -1,3% do trimestre anterior.

No sector da construção a evolução do índice de produção foi um pouco menos negativa do que no trimestre precedente, observando-se um desagravamento de 0,8 p.p., situando-se a variação homóloga em -7,3%. Esta evolução menos desfavorável foi devida ao comportamento da componente de construção de edifícios, cuja variação homóloga recuperou 1,3 p.p.. A parte de obras públicas registou um pequeno agravamento. A informação disponível aponta para que, em ambas as componentes, as evoluções na segunda metade do ano tenham sido mais desfavoráveis do que no primeiro semestre.



CONSUMO FINAL

		Ano 2005	Ano 2006	Trimestre 4º 2005	Trimestre 1º 2006	Trimestre 2º 2006	Trimestre 3º 2006	Trimestre 4º 2006	Nov-06	Dez-06	Jan-07
Consumo público											
Despesas com pessoal	vh-num3m	4,4	-1,7	1,8	-5,6	0,9	-5,4	2,4	-2,3	2,4	1,9
Despesas com bens e serviços	vh-num3m	4,2	-0,3	15,5	-1,7	-3,3	-11,7	8,0	0,9	8,0	4,8
Consumo privado											
Indicador quantitativo do consumo	vh-num3m	2,6	1,2	1,8	1,1	1,0	1,8	1,0	1,1	1,0	-
Indicador qualitativo do consumo	sre/num3m	-1,4	-1,2	-1,4	-1,2	-1,3	-1,4	-0,9	-1,1	-0,9	-1,1
Indicador de confiança dos consumidores	sre/num3m	-37,7	-34,2	-41,0	-37,8	-36,2	-31,9	-31,0	-31,0	-31,0	-31,3
Situação financeira do agregado familiar	sre/num3m	-22,5	-19,7	-23,3	-21,4	-20,7	-19,2	-17,5	-17,4	-17,5	-17,6
Procura interna de bens de consumo	sre/num3m	-36,5	-29,7	-31,3	-31,0	-30,3	-30,3	-27,0	-24,7	-27,0	-26,7
Crédito ao consumo	vh-stocks	3,8	-	3,8	6,3	17,2	23,2	-	22,3	-	-
Operações da rede multibanco	vh-num3m	10,0	8,0	9,8	9,9	9,4	8,0	5,3	6,6	5,3	5,5
Consumo corrente											
Indicador de consumo corrente	vh-num3m	2,4	1,6	2,1	1,1	1,8	1,9	1,4	1,4	1,4	-
Vendas de gasolina	vh-num3m	-4,0	-6,5	-4,3	-7,2	-8,2	-5,7	-4,6	-3,5	-4,6	-
Vendas nos hipermercados	vh-num3m	4,0	5,7	4,8	3,9	7,3	6,6	4,9	4,3	4,9	-
Vendas no comércio a retalho	sre/num3m	-2,8	-1,7	9,0	-7,7	-9,0	2,0	8,0	2,7	8,0	11,3
Consumo de bens duradouros											
Indicador de consumo de bens duradouros	vh-num3m	3,8	-1,1	-0,8	1,2	-5,2	1,4	-1,7	-0,7	-1,7	-
Vendas de automóveis	vh-num3m	3,3	-5,8	-2,9	-2,5	-9,3	-3,3	-7,3	-5,4	-7,3	-9,7
Vendas no comércio a retalho	sre/num3m	-17,3	-22,3	-19,7	-20,3	-21,0	-29,0	-19,0	-21,3	-19,0	-17,3





CONSUMO FINAL

A avaliar pelo respectivo indicador quantitativo, o consumo apresentou no quarto trimestre de 2006 um andamento mais moderado do que no trimestre anterior, em consequência da deterioração observada em ambas as componentes. O indicador de confiança dos consumidores recuperou, prolongando o movimento dos quatro trimestres anteriores, porém, em Janeiro, apresentou um comportamento desfavorável.

No quarto trimestre de 2006, o indicador de confiança dos consumidores prolongou o movimento favorável dos quatro trimestres anteriores, contrariando o forte agravamento anterior, que culminou com o mínimo desde Junho de 2003. Porém, note-se que intra-trimestralmente apenas se registou uma evolução favorável em Outubro, tendo-se observado um agravamento ténue em Novembro e uma estabilização em Dezembro. Em Janeiro, o indicador voltou a deteriorar-se ligeiramente.

As opiniões das famílias sobre a sua situação financeira também melhoraram pelo quinto trimestre consecutivo, apresentando uma ténue deterioração em Janeiro, a segunda sucessiva intra-trimestralmente, após terem atingido em Novembro o melhor valor desde Junho de 2002. A restante informação qualitativa, baseada nas opiniões dos empresários, também fornece indicações favoráveis no quarto trimestre, que, ao contrário das dos consumidores, se mantêm para Janeiro.

No entanto, as indicações transmitidas pela informação quantitativa apontam para uma nítida desaceleração do consumo privado. Com efeito, no quarto trimestre de 2006, o indicador quantitativo do consumo apresentou um crescimento menos intenso do que o observado no trimestre anterior, regressando ao ritmo apresentado no segundo trimestre. Este comportamento resultou da degradação verificada nos indicadores de consumo de bens duradouros e de consumo corrente, mais expressiva no primeiro caso.

No trimestre corrente, o indicador de consumo de bens duradouros apresentou uma taxa de variação homóloga negativa, ao contrário do sucedido no trimestre anterior, embora não alcançando a intensidade observada no segundo trimestre de 2006. Intra-trimestralmente, o indicador tem vindo a degradar-se nos últimos três meses, se bem que este movimento tenha sido mais acentuado em Novembro. No entanto, é de notar que a comparação entre o segundo, o terceiro e o quarto trimestres é afectada pelo efeito de base resultante da antecipação de compras verificada em Junho de 2005, provocada pelo aumento do IVA no mês subsequente. Este efeito perdurou até Setembro, devido à utilização de médias móveis. O andamento do indicador no quarto trimestre de 2006 foi determinado pela deterioração observada em todas as suas componentes. Deste modo, as vendas nos agrupamentos de mobiliário e electrodomésticos e de outros bens duradouros, tendo em conta os respectivos índices de volume de negócios no comércio a retalho deflacionados, registaram decréscimos face ao trimestre anterior de 2,6 p.p. e 3,5 p.p., respectivamente. Após o intenso desagravamento observado no trimestre anterior (6,0 p.p.), as vendas de automóveis ligeiros de passageiros voltaram a reforçar os níveis de quebra, passando de uma taxa de variação homóloga de -3,3%, no terceiro trimestre de 2006, para uma taxa de -7,3%, no quarto. Em Janeiro, as vendas deste

tipo de veículos pioraram face Dezembro, prolongando o movimento desfavorável iniciado em Novembro.

O indicador de consumo corrente apresentou uma taxa de crescimento inferior à observada nos dois trimestres anteriores em resultado de comportamentos similares das suas componentes. Assim, o consumo de bens alimentares deteriorou-se, a avaliar pela contracção observada no respectivo índice de volume de negócios no comércio a retalho deflacionado, que passou de um crescimento homólogo de 2,7% no terceiro trimestre para uma quebra de 1,0% no quarto. O indicador de consumo corrente não alimentar também apresentou um crescimento inferior ao do trimestre anterior, sendo de destacar o andamento desfavorável do agrupamento de vestuário e calçado, onde se registou um decréscimo de 3,7 p.p. na taxa de variação homóloga. Pelo contrário, as vendas nos agrupamentos de produtos farmacêuticos, médicos e de higiene e de combustíveis recuperaram pelo segundo trimestre consecutivo, apresentando aumentos de 2,8 p.p. e 0,4 p.p., respectivamente.

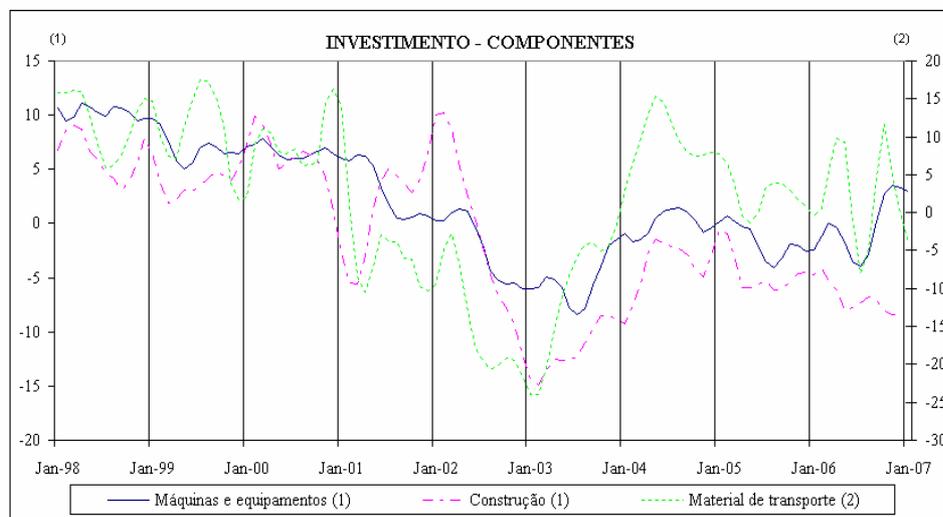
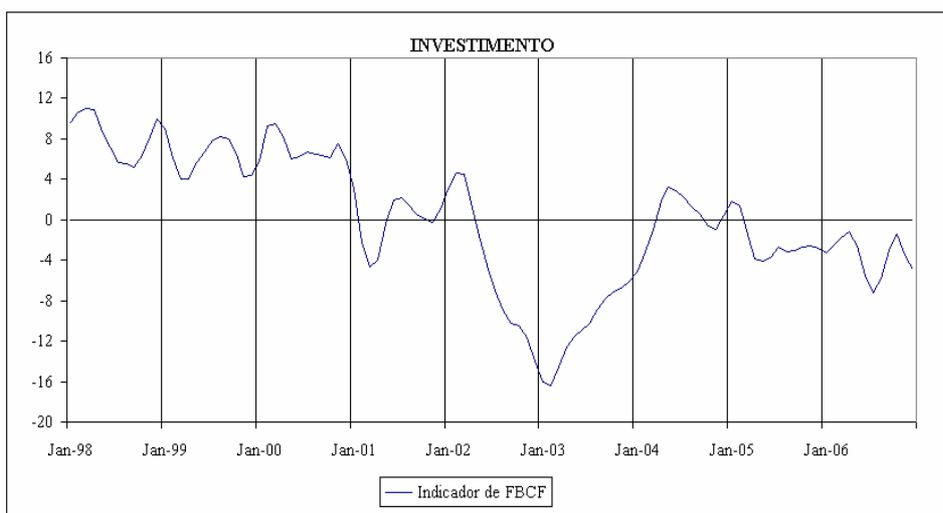
Como referido, a informação que reflecte as opiniões dos empresários do comércio mostrou-se mais favorável do que a imagem que se retira dos indicadores quantitativos referidos. Deste modo, o indicador qualitativo do consumo, baseado no inquérito qualitativo de conjuntura ao comércio a retalho, melhorou no quarto trimestre, interrompendo a degradação ligeira dos dois trimestres anteriores, sendo o seu comportamento determinado no trimestre de referência pela recuperação das apreciações sobre o volume de vendas e das perspectivas de encomendas a fornecedores e de actividade, mais intensa no primeiro caso. Mas em Janeiro o indicador agravou-se face a Dezembro, suspendendo o movimento favorável dos três meses anteriores e voltando a aproximar-se do patamar observado entre Março e Outubro. O andamento de Janeiro resultou da deterioração de todas as componentes, com excepção das opiniões sobre o volume de vendas, que recuperaram pelo quarto mês consecutivo.

No quarto trimestre de 2006, as despesas do subsector Estado com pessoal e bens e serviços alcançaram o crescimento mais elevado desde o final de 2005, apresentando uma taxa de variação homóloga de 3,1%, valor que compara com o de -5,9% observado no trimestre anterior. Esta evolução foi determinada pelos movimentos ascendentes de ambas as componentes, com as despesas com pessoal a passar de uma quebra de 5,4% para um crescimento de 2,4% e as despesas com bens e serviços a registarem um acréscimo de 19,7 p.p.. Porém, em Janeiro, as taxas de variação homóloga das despesas do Estado com pessoal e bens e serviços desaceleraram para 1,9% e 4,8%, respectivamente, situando-se a variação global em 2,2%.



INVESTIMENTO

		Ano 2005	Ano 2006	Trimestre 4º 2005	Trimestre 1º 2006	Trimestre 2º 2006	Trimestre 3º 2006	Trimestre 4º 2006	Nov-06	Dez-06	Jan-07
Investimento											
Indicador de FBCF	mm3m	-2,7	-3,8	-2,8	-1,7	-5,4	-3,1	-4,9	-3,5	-4,9	-
Construção											
Vendas de cimento	vh-mm3m	-7,0	-	-6,2	-3,2	-11,3	-9,9	-	-12,4	-	-
Vendas de varão para betão	vh-mm3m	-10,1	-	9,1	8,1	14,3	14,2	-	9,1	-	-
Carteira de encomendas	sre/mm3m	-59,9	-65,7	-62,3	-64,0	-65,7	-65,7	-67,3	-66,0	-67,3	-66,7
Adjudicações de obras públicas	vh-acum12m	-32,2	-	-32,2	-43,6	-41,1	-52,1	-	-59,5	-	-
Crédito para compra de habitação	vh-stocks	11,9	-	11,9	17,2	16,2	15,2	-	14,5	-	-
Licenças para construção de habitações novas	vh-mm3m	-3,4	-5,2	-3,5	1,2	-2,8	-6,8	-12,9	-8,4	-12,9	-
Máquinas e equipamentos											
Vendas no comércio por grosso	sre/mm3m	-20,7	-13,3	-25,3	-8,3	-25,7	-24,3	5,0	3,3	5,0	5,0
Previsão de encomendas a fornecedores	sre/mm3m	-23,2	-13,4	-28,7	-12,0	-23,0	-1,7	-17,0	-7,7	-17,0	-12,7
Actividade prevista	sre/mm3m	5,2	5,3	6,0	1,7	0,3	13,3	6,0	12,3	6,0	6,7
Material de transporte											
Vendas de veículos comerciais ligeiros	vh-mm3m	-1,8	-7,3	-3,4	-5,5	-15,7	-6,4	-1,0	-1,5	-1,0	-1,1
Vendas de veículos comerciais pesados novos	vh-mm3m	0,1	12,9	-5,7	9,3	26,0	52,0	-31,9	27,5	-31,9	-17,6





INVESTIMENTO

No quarto trimestre de 2006, o indicador de formação bruta de capital fixo agravou-se face ao trimestre anterior, sendo a componente de máquinas e equipamentos a única a apresentar um andamento favorável. A informação já disponível aponta para a continuação da deterioração do indicador global.

Após a recuperação do trimestre anterior, o indicador de formação bruta de capital fixo, ainda sujeito a revisão, degradou-se no trimestre de referência, embora sem retornar para a intensidade de quebra apresentada no segundo trimestre de 2006. Intra-trimestralmente, este indicador prolongou o movimento desfavorável do mês anterior, que viera interromper o acentuado perfil ascendente observado entre Agosto e Outubro. Face ao terceiro trimestre, apenas a componente de máquinas e equipamentos apresentou sinais de melhoria.

Inter-trimestralmente, o indicador de material de transporte tem apresentado um comportamento oscilante desde o terceiro trimestre de 2005. Deste modo, após a intensa recuperação observada no terceiro trimestre de 2006, deu-se um forte agravamento no trimestre em análise, embora sem regressar ao nível registado no segundo trimestre. A informação mais recente revelou uma degradação do indicador em Janeiro, pelo terceiro mês consecutivo, depois de ter alcançado em Outubro o valor máximo desde Julho de 2004. Ao nível das suas componentes, avaliadas em médias móveis de três meses, o andamento deste indicador no quarto trimestre foi determinado pela degradação nas vendas de veículos comerciais pesados. Assim, as vendas deste tipo de veículos apresentaram uma forte contracção, tendo passado de uma taxa de variação homóloga de 52,0% no terceiro trimestre de 2006, para uma taxa de -31,9% no quarto. Recorde-se que o elevado crescimento homólogo registado no terceiro trimestre foi influenciado pela antecipação das compras deste tipo de veículos para Setembro, devido à entrada em vigor de legislação comunitária mais restritiva sobre normas ambientais, que se aplica aos veículos matriculados a partir de Outubro, efeito que se arrastou até Novembro devido à utilização de médias móveis. Note-se que em Abril já se tinha verificado uma forte aceleração nestas vendas devido à entrada em vigor em Maio de legislação comunitária impondo novos requisitos para o controlo da utilização de veículos pesados, facto que por arrastamento determinou o elevado crescimento observado no segundo trimestre. Em Janeiro de 2007, as vendas de veículos pesados desagravaram-se pela primeira vez nos últimos quatro meses, apresentando ainda uma forte quebra, de 17,6%. Por sua vez, no quarto trimestre, as vendas de veículos comerciais ligeiros registaram o segundo desagravamento consecutivo, após a intensa deterioração ocorrida nos dois primeiros trimestres de 2006, apresentando uma taxa de variação homóloga de -1,0%, que compara com a de -6,4% observada no terceiro trimestre de 2006. A variação no trimestre em análise, apesar de

negativa, foi a mais elevada desde Agosto de 2005. Em Janeiro, a quebra das vendas de ligeiros foi da mesma ordem de grandeza, -1,1%. Recorde-se ainda que a variação homóloga das vendas de veículos comerciais pesados e ligeiros nos meses de Junho a Agosto foi influenciada pelo efeito de base relativo à concentração da aquisição de veículos em Junho de 2005, mês a partir do qual se iniciou a emissão de novas matrículas.

No trimestre de referência, o indicador de máquinas e equipamentos recuperou significativamente pelo segundo trimestre consecutivo. Porém, a nível intra-trimestral, a informação disponível para Janeiro revelou uma degradação, tal como já acontecera em Dezembro, prolongando a interrupção do perfil ascendente iniciado em Agosto e que culminou em Novembro com o máximo desde Maio de 2001. O comportamento trimestral do indicador resultou do andamento favorável das opiniões dos empresários do comércio por grosso sobre a actividade e o volume de vendas, tendo-se observado deteriorações intensas nas restantes componentes do indicador. As indicações relativas ao valor das importações de máquinas e outros bens de capital, excepto material de transporte, revelaram ainda uma recuperação no trimestre concluído em Novembro, quando comparado com o terceiro trimestre.

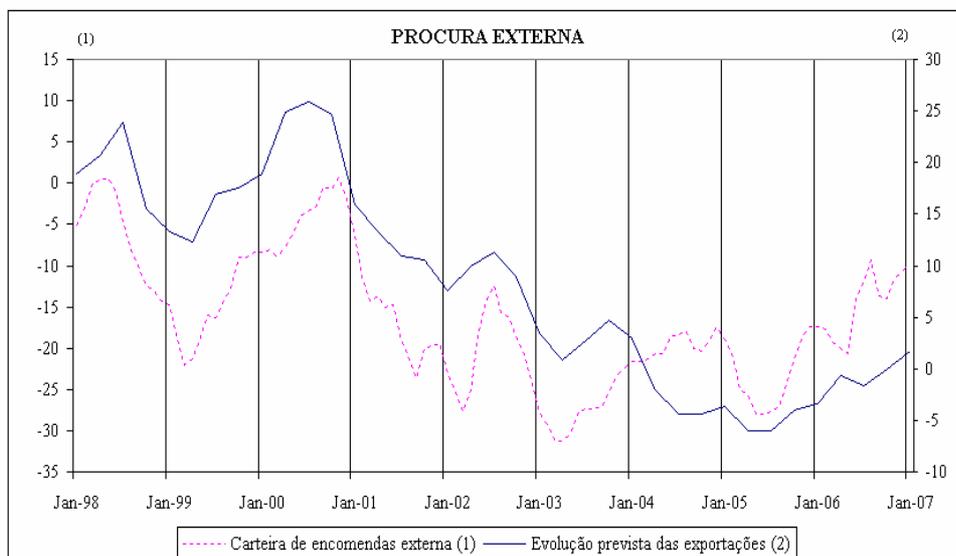
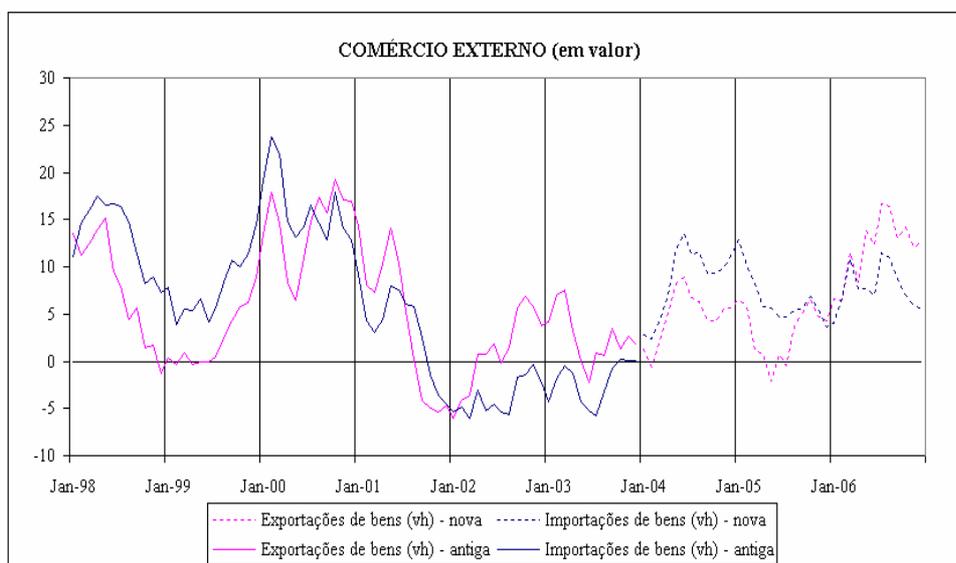
No trimestre de referência, o indicador relativo à construção retomou a tendência desfavorável iniciada no primeiro trimestre de 2006. Em termos mensais, em Dezembro o indicador interrompeu o movimento descendente dos três meses anteriores, estabilizando no valor mínimo desde Janeiro de 2004. A evolução das vendas dos principais materiais de construção também forneceu algumas indicações de agravamento. Assim, no trimestre terminado em Novembro e em relação ao terceiro trimestre, as vendas totais de varão para betão desaceleraram, interrompendo a tendência ascendente iniciada em Outubro de 2005, e as vendas totais de cimento deterioraram-se, apresentando o valor mais desfavorável desde o quarto trimestre de 2003. No quarto trimestre de 2006, as vendas de varão para betão de origem interna voltaram a deteriorar-se, após a forte contracção registada no trimestre anterior, apresentando uma taxa de variação homóloga de -14,4%, o valor mais desfavorável desde Maio de 2005. As vendas de cimento produzido internamente melhoraram face ao terceiro trimestre, tendo piorado em Janeiro em relação ao mês anterior. Outra nota dissonante foi a evolução do Índice de Produção na Construção, cuja quebra no quarto trimestre foi menos intensa do que no trimestre anterior.



PROCURA EXTERNA

		Ano 2005	Ano 2006	Trimestre 4º 2005	Trimestre 1º 2006	Trimestre 2º 2006	Trimestre 3º 2006	Trimestre 4º 2006	Nov-06	Dez-06	Jan-07
Indicadores de procura externa											
Indicador de procura externa em valor	vcs/vh-mm3m	10,4	-	12,7	14,1	12,1	9,0	-	7,5	-	-
Carteira de encomendas externa	sre/mm3m	-23,7	-14,4	-17,3	-19,3	-14,0	-13,7	-10,7	-11,7	-10,7	-9,7
Evolução prevista das exportações	ser/mm3t	-4,9	-1,4	-4,0	-3,3	-0,7	-1,7	0,0	n.d.	n.d.	n.d.
Comércio externo (1)											
Exportações de mercadorias em valor	vh-mm3m	2,8	12,4	4,3	11,5	12,3	13,1	12,7	12,0	12,7	-
Exportações de mercadorias em volume	vh-mm3m	0,6	-	1,6	7,9	6,7	7,9	-	n.d.	n.d.	n.d.
Importações de mercadorias em valor	vh-mm3m	5,5	7,9	3,6	10,9	7,0	8,6	5,5	5,9	5,5	-
Importações de mercadorias em volume	vh-mm3m	1,2	-	-1,7	3,1	0,8	3,5	-	n.d.	n.d.	n.d.
Taxa de cobertura	vcs/mm3m	62,5	65,0	63,9	62,2	64,5	65,3	68,1	67,6	68,1	-

(1) A partir de Janeiro de 2004 as taxas divulgadas resultam dos dados apurados segundo a nova metodologia do comércio externo.





PROCURA EXTERNA

No trimestre concluído em Novembro tanto as importações como as exportações desaceleraram face ao trimestre anterior, embora de forma mais intensa no primeiro caso. Prolongando esta informação com os dados reportados no âmbito do programa SDDS esse efeito é ainda reforçado nas importações, enquanto nas exportações é atenuado, o que indicia uma melhoria do contributo da procura externa líquida no quarto trimestre de 2006.

No trimestre terminado em Novembro, a taxa de variação das exportações situou-se em 12,0%, o que compara com as taxas de 13,1%, 12,3% e 11,5% registadas no final do terceiro, segundo e primeiro trimestres, respectivamente. Recorrendo aos valores apurados de acordo com a metodologia utilizada no reporte para o SDDS do Fundo Monetário Internacional, a variação homóloga no final do quarto trimestre de 2006 situou-se em 12,7%. Por seu turno, o crescimento do valor das importações situou-se em 5,9% em Novembro, o que corresponde a desacelerações de 2,7 p.p., 1,1 p.p. e 5,0 p.p., respectivamente face ao final do terceiro, segundo e primeiro trimestres. Considerando os valores apurados para o SDDS a variação homóloga das importações no final do quarto trimestre situou-se em 5,5%, o que em termos mensais representa a quinta desaceleração consecutiva.

Em volume, no terceiro trimestre do ano findo, tanto as importações como as exportações aceleraram face ao segundo trimestre, embora de forma mais intensa no primeiro caso. Utilizando o valor das trocas reportado para o SDDS, e admitindo os mesmos deflatores do terceiro trimestre, constatar-se-iam, no quarto trimestre, variações em volume inferiores às do terceiro trimestre, tanto nas importações como nas exportações, sendo esse diferencial superior no caso das importações. Esse efeito poderá ainda ser reforçado se os impactos da redução nos preços dos produtos petrolíferos dominarem efeitos de maior concorrência sobre os produtos nacionais exportados.

É ainda de notar que, pelo sétimo mês consecutivo, o crescimento das exportações nacionais é em Novembro superior à procura potencial aferida pelo indicador de procura externa. Assim, a variação das exportações nacionais foi mais intensa em 4,5 p.p., em 5,0 p.p. e em 4,1 p.p., respectivamente em Novembro, Outubro e Setembro, do que o indicador de procura externa, que tem apresentado uma tendência de abrandamento desde Março de 2006.

Por destinos das exportações nacionais, o comércio extra UE foi o responsável pelo abrandamento do crescimento em valor entre o final do terceiro trimestre e o trimestre concluído em Novembro. De facto, o comércio extra UE passou de um contributo para a variação total de 6,5 p.p. para 4,0 p.p., enquanto a correspondente contribuição do comércio para o espaço da UE passou de 6,6 p.p. para 8,0 p.p., apesar de o primeiro continuar a apresentar variações mais intensas. O comércio intra-comunitário apresentou no trimestre concluído em Novembro uma variação de 10,2%, mais intensa do que a verificada, no primeiro, no segundo ou no terceiro trimestres, embora ao longo do ano se tenham verificado maiores variações em Julho, de 12,0%, e em Agosto e Outubro, de 11,1% em ambos os casos. Dos países que integram o espaço comunitário, note-se o reforço do contributo da Alemanha para o crescimento total, que passou de 0,6 p.p., para 2,6 p.p., 3,1 p.p. e para 4,1 p.p., respectivamente no primeiro, segundo e terceiro trimestres e no trimestre concluído em Novembro. O mercado espanhol, que continua a ser o principal destino para os produtos nacionais, não tem sido tão dinâmico, embora continue a apresentar dos contributos mais fortes, observando-se nos mesmos períodos contributos de 4,6 p.p., 4,3 p.p., 3,0 p.p. e de 3,1 p.p.. Será ainda de referir o reforço do contributo francês, que passou de 0,2 p.p. no terceiro trimestre para 0,8 no trimestre concluído em Novembro. O Reino Unido e a Bélgica foram os destinos que apresentaram os maiores contributos negativos, de

-0,8 p.p. e de -0,4 p.p., respectivamente. No conjunto dos países fora do espaço da UE, para onde as exportações cresceram 18,8% no trimestre concluído em Novembro, foi o continente asiático que apresentou o contributo mais forte para a variação total, com 6,6 p.p., tendo a China tido um contributo de apenas 0,1 p.p.. O continente americano teve um contributo de 6,5 p.p., com os EUA a apresentarem um contributo de 4,4 p.p.. Por seu turno, os PALOP registaram um contributo de 7,0 p.p. para o fluxo extra UE. Em sentido contrário, será de destacar o contributo negativo dado pelos países da OPEP, de -1,0 p.p..

Analisando as exportações por tipo de bem, constata-se que apesar do grupo de Bens Intermediários ter apresentado o maior contributo, o qual representou 35,9% da variação global, foi também sobretudo devido à sua menor dinâmica que se registou um abrandamento do crescimento em valor das exportações nacionais entre o terceiro trimestre e o concluído em Novembro. Em sentido contrário será de destacar o ganho de importância do Material de Transporte, que apresentou contributos de 0,8 p.p. no segundo trimestre, 1,9 p.p. no terceiro e 2,5 p.p. no concluído em Novembro. Entre o terceiro trimestre e o concluído em Novembro é ainda de salientar o reforço do contributo do grupo dos Bens de Consumo, evoluindo os grupos de Bens de Investimento e de Combustíveis em sentido inverso.

Nas opiniões dos empresários da indústria sobre a evolução da carteira de encomendas de origem externa, a situação no final do quarto trimestre representou uma melhoria face ao final do terceiro, atenuando a evolução desfavorável ocorrida em Setembro e Outubro, após se ter atingido em Agosto o melhor valor desde Janeiro de 2001. Por seu turno, as expectativas sobre a evolução das exportações para o primeiro trimestre de 2007 são melhores do que as manifestadas em Outubro para o quarto trimestre, atingindo o máximo desde Janeiro de 2004.

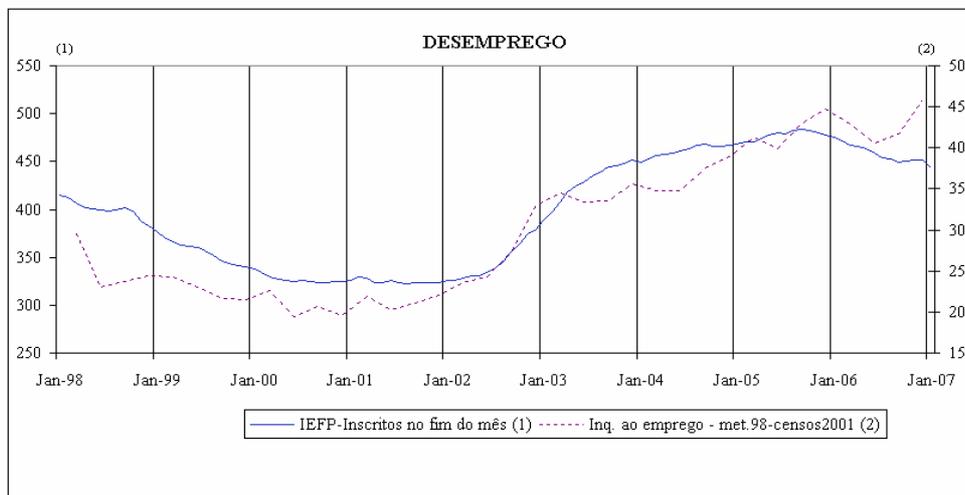
Nas importações, a desaceleração de 2,7 p.p., registada entre o final do terceiro trimestre e o trimestre concluído em Novembro resultou principalmente da redução do contributo do grupo de Combustíveis, que passou de 1,6 p.p. para -2,5 p.p.. Os grupos que apresentaram os maiores reforços foram o de Material de Transporte e o de Bens de Consumo, que aumentaram os contributos em 0,8 p.p. e 0,6 p.p. no mesmo período, respectivamente.

Analisando a origem das importações, verifica-se que a desaceleração ocorrida do terceiro trimestre para o terminado em Novembro resultou da evolução dos fluxos partindo tanto do espaço intra UE, cujo contributo passou de 6,0 p.p. para 4,8 p.p., como de fora da UE, onde o contributo passou de 2,6 p.p. para 1,1 p.p.. Relativamente aos países da UE, as importações do Reino Unido foram as que mais contribuíram para o abrandamento, passando a respectiva contribuição de 1,0 p.p. para 0,2 p.p.. Também a Espanha e a Alemanha apresentaram reduções significativas dos seus contributos, passando de 3,4 p.p. para 2,9 p.p., no caso espanhol, e de 1,0 p.p. para 0,4 p.p., no caso alemão. Em sentido contrário, será de referir o reforço do contributo da Bélgica em 0,4 p.p.. A Ásia contribuiu com 4,3 p.p. para a variação de 4,7% no comércio extra UE. Por outro lado, foi o continente americano que apresentou um contributo mais negativo, com -1,5 p.p.. É também de notar o contributo de -2,7 p.p. dos países da OPEP.



MERCADO DE TRABALHO

		Ano 2005	Ano 2006	Trimestre 4º 2005	Trimestre 1º 2006	Trimestre 2º 2006	Trimestre 3º 2006	Trimestre 4º 2006	Nov-06	Dez-06	Jan-07
Emprego e desemprego											
Emprego - IE/INE											
Total	vh	0,0	0,7	0,0	0,6	1,0	1,1	0,2	n.d.	n.d.	n.d.
Por conta de outrem	vh	0,8	2,2	0,9	2,6	2,1	2,7	1,4	n.d.	n.d.	n.d.
Emprego - ICP/INE											
Total	vh-mm3m	-2,4	-2,1	-2,1	-2,3	-2,1	-2,0	-1,9	-1,9	-1,9	-
Indústria	vh-mm3m	-4,4	-3,3	-4,0	-3,8	-3,5	-2,9	-2,9	-2,9	-2,9	-
Construção	vh-mm3m	-3,5	-6,0	-3,6	-4,7	-6,1	-7,1	-6,2	-6,4	-6,2	-
Serviços	vh-mm3m	-0,9	-0,2	-0,6	-0,6	-0,2	0,0	-0,1	0,0	-0,1	-
Emprego - IC/INE											
Expectativas de criação de emprego	sre/mm3m	-18,4	-15,6	-19,8	-19,1	-14,3	-13,3	-15,5	-14,2	-15,5	-14,8
Desemprego - IE/INE											
N.º de desempregados	10E3	422,3	427,8	447,3	429,7	405,6	417,4	458,6	n.d.	n.d.	n.d.
Taxa de desemprego	%	7,6	7,7	8,0	7,7	7,3	7,4	8,2	n.d.	n.d.	n.d.
Desemprego - IC/INE											
Expectativas de evolução do desemprego	sre/mm3m	49,0	43,8	53,5	50,6	45,2	40,0	39,3	39,3	39,3	38,4
Mercado de trabalho - IEFP											
Desempregados inscritos no fim do mês	stocks-10E3/vcs	477,2	459,3	477,8	467,1	458,4	449,6	451,3	452,1	451,3	442,9
Desempregados inscritos ao longo do mês	vcs/vh-mm3m	4,1	1,2	3,9	3,9	-0,6	-1,1	2,9	2,1	2,9	-1,0
Ofertas de emprego ao longo do mês	vcs/vh-mm3m	5,3	3,6	16,5	4,4	3,8	7,2	-0,9	7,0	-0,9	3,1
Negociação salarial	v.a./mm3m-p.	2,7	2,8	2,5	2,8	3,1	2,6	2,6	2,7	2,6	2,6





MERCADO DE TRABALHO

A informação disponível sobre o mercado de trabalho apresentou-se na sua maioria desfavorável no quarto trimestre. O desemprego voltou a crescer, enquanto no terceiro trimestre tinha apresentado a primeira quebra dos últimos cinco anos, a taxa de desemprego registou um novo máximo (8,2%) para a série iniciada em 1998 e o emprego abrandou, voltando a apresentar um baixo crescimento (0,2%). A informação já disponível para Janeiro do IIEP e das expectativas dos agentes económicos sobre o mercado de trabalho aponta, porém, para um andamento mais favorável.

De acordo com a informação do Inquérito ao Emprego (IE), o emprego, depois de ter recuperado nos três primeiros trimestres do ano, abrandou no quarto trimestre, apresentando um crescimento homólogo de 0,2%, menos 0,9 pontos percentuais (p.p.) do que no trimestre anterior. A evolução verificada no trimestre de referência derivou, essencialmente, do emprego por conta de outrem, que contribuiu com -1,0 p.p. para essa desaceleração. Em sentido contrário, destaque-se apenas o emprego por conta própria como empregador, que teve um contributo levemente positivo. O emprego sob o regime de contrato sem termo foi o principal responsável pela evolução do emprego por conta de outrem, contribuindo com 1,2 p.p. para a desaceleração de 1,3 p.p. registada neste tipo de emprego.

O índice de emprego dos Indicadores de Curto Prazo (ICP), que abrange a indústria, a construção e parte dos serviços, registou uma leve recuperação do terceiro para o quarto trimestre, passando de -2,0% para -1,9%, exclusivamente devido ao andamento favorável na construção. Porém, intra-trimestralmente, note-se que o indicador estabilizou em Dezembro em -1,9%, o melhor valor dos últimos dois anos, interrompendo a tendência levemente ascendente iniciada em Maio. Esta estabilização resultou da compensação da ligeira melhoria na construção pela ligeira deterioração nos serviços, tendo o indicador para a indústria estabilizado. Nos serviços, a variação homóloga do emprego tem permanecido num patamar em torno dos 0,0% nos últimos seis meses, depois de ter apresentado uma tendência levemente ascendente a partir de Agosto de 2005. Ainda assim refira-se que a ligeira deterioração observada em Dezembro ficou a dever-se apenas ao comércio por grosso e às "Actividades imobiliárias; alugueres e serviços prestados às empresas", o que no segundo caso corresponde à retoma da tendência descendente iniciada em Novembro de 2005. O emprego nas secções de "Alojamento e restauração" e de "Transportes, armazenagem e comunicações" recuperou, com maior intensidade no primeiro caso, mas de forma insuficiente para determinar a evolução do sector. Note-se que, de todas as secções cobertas, apenas o comércio, exceptuando o retalho, mantém variações homólogas negativas, se bem que as restantes registem taxas de crescimento moderadas. O emprego na indústria estabilizou em -2,9% nos últimos três meses, interrompendo a tendência ascendente iniciada em Setembro de 2005. A estabilização no quarto trimestre derivou do facto do desagrevamento do emprego nas indústrias produtoras de bens intermédios ter sido anulado pela deterioração observada nas restantes indústrias. Note-se ainda que as primeiras têm mantido uma trajectória ascendente nos últimos nove meses, enquanto as restantes têm vindo a apresentar um andamento desfavorável nos últimos meses, contrariando as tendências ascendentes anteriores. Por sua vez, a construção recuperou nos últimos três meses, interrompendo o perfil descendente que se verificava desde Outubro de 2005 e onde se atingira o valor mínimo desde finais de 2003 (-7,1%). Em Dezembro este indicador registou uma variação homóloga de -6,2%, mais 0,2 p.p. do que em Novembro.

Relativamente à informação disponível do IIEP observa-se uma contracção das ofertas ao longo do mês no quarto trimestre, tendo-se registado uma quebra de 0,9%, enquanto no terceiro trimestre ainda se verificara um crescimento homólogo de 7,2%. Em Janeiro, porém, verifica-se uma recuperação, ao registar-se um crescimento de 3,1%.

As perspectivas dos empresários sobre a evolução do emprego registaram uma evolução desfavorável do terceiro para o quarto trimestre, porém em Janeiro apresentaram-se em recuperação. Recorde-se que em Agosto se atingira o melhor valor dos quatro anos anteriores, seguindo-se depois um período de quatro meses em que as expectativas se deterioraram. A evolução de Janeiro derivou dos comportamentos favoráveis de todos os sectores, à excepção do comércio, enquanto que em termos trimestrais os comportamentos foram inversos. As perspectivas dos consumidores quanto à evolução do desemprego evoluíram favoravelmente no quarto trimestre, assim como em Janeiro. Refira-se que esta variável apresentou uma tendência favorável no último ano e atingiu em Janeiro o melhor valor desde Junho de 2002.

De acordo com o IE, registou-se no quarto trimestre um crescimento homólogo do desemprego de 2,5%, quando no trimestre anterior se registara uma quebra de 2,9%, o que significa uma interrupção da tendência descendente que se verificava desde o segundo trimestre de 2005. A evolução registada no trimestre de referência resultou do andamento no mesmo sentido das variações homólogas do número de desempregados à procura quer de novo emprego, quer de primeiro emprego, mas principalmente do primeiro caso. A percentagem de desempregados de longa duração voltou a situar-se acima dos 50%, contrariando o que tinha sucedido no trimestre anterior. A taxa de desemprego foi de 8,2% no quarto trimestre, mais 0,2 p.p. do que no período homólogo, representando um novo máximo para a série iniciada em 1998. Em 2006 a média da taxa de desemprego foi de 7,7%, enquanto em 2005 fora de 7,6% e em 2004 de 6,7%.

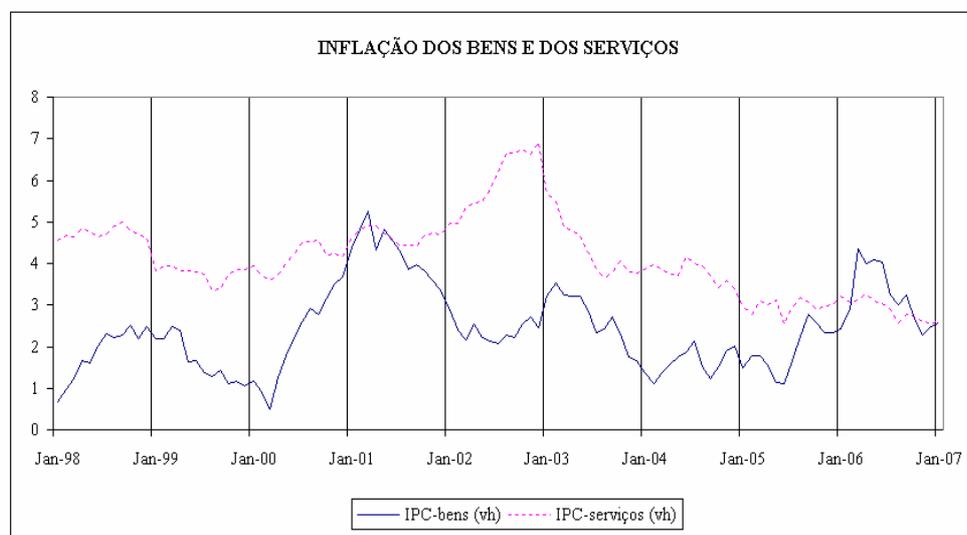
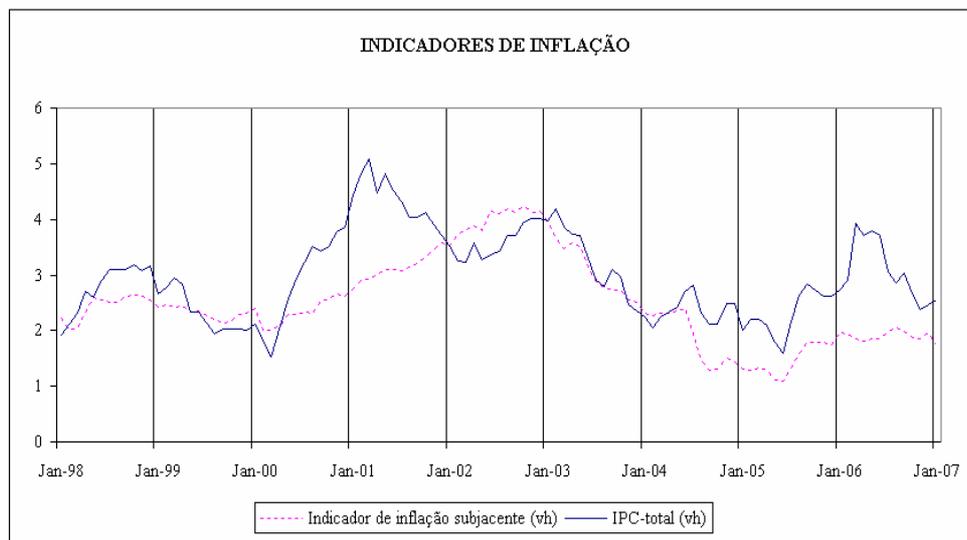
O registo de desempregados nos Centros de Emprego no fim do mês passou de uma taxa de variação homóloga de -6,1% para -6,0% do terceiro para o quarto trimestre. Porém, em Janeiro a quebra do desemprego já se voltou a intensificar ligeiramente, registando-se novamente -6,1%. O desemprego registado ao longo do mês apresentou um crescimento homólogo de 2,9% no quarto trimestre, enquanto que no terceiro trimestre apresentara uma quebra de 1,1%. Em Janeiro, todavia, esta variável recuperou, registando um crescimento de 1,0%, contrariando o agravamento dos dois meses anteriores. O rácio ofertas/desemprego encontrava-se em Dezembro no pior valor desde o início de 2005, mas em Janeiro já se registou uma melhoria.

A negociação salarial, medida pela variação média ponderada intertabelas, apresentou no quarto trimestre um crescimento de 2,6%, o mesmo valor do trimestre anterior. O crescimento dos salários contratuais apresentou-se acima da inflação em Dezembro e Janeiro, o que já não sucedia desde Novembro de 2005.



PREÇOS E CÂMBIOS

		Ano 2005	Ano 2006	Trimestre 4º 2005	Trimestre 1º 2006	Trimestre 2º 2006	Trimestre 3º 2006	Trimestre 4º 2006	Nov-06	Dez-06	Jan-07
Preços no consumidor											
Índice de preços no consumidor	vh	2,3	3,1	2,7	3,2	3,7	3,0	2,5	2,4	2,5	2,6
Índice harmonizado de preços no consumidor	vh	2,1	3,0	2,6	3,2	3,6	2,9	2,5	2,4	2,5	2,6
Indicador de inflação subjacente	vh	1,5	1,9	1,8	1,9	1,8	2,0	1,9	1,9	2,0	1,8
Índice de preços no consumidor - bens	vh	1,9	3,2	2,4	3,2	4,0	3,2	2,5	2,3	2,5	2,6
Índice de preços no consumidor - serviços	vh	3,0	2,9	3,0	3,1	3,1	2,7	2,6	2,6	2,6	2,6
Preços na indústria transformadora											
Índ. de preços na produção	vh-nm3m	3,5	4,6	3,5	5,0	5,6	4,9	2,8	3,2	2,8	2,8
Índ. de preços na produção excl alimentares e energia	vh-nm3m	2,0	3,0	1,5	1,9	2,9	4,0	3,3	3,6	3,3	3,2
Expectativas de preços	sre/nm3m	1,3	6,2	2,3	8,3	8,0	2,7	5,7	4,3	5,7	6,7
Evolução cambial											
Câmbio USD/Eur	vh-m.mensal	0,1	0,9	-8,2	-8,3	-0,2	4,5	8,5	9,3	11,4	7,4
Câmbio JPY/Eur	vh-m.mensal	1,8	6,6	1,7	2,6	6,2	9,2	8,9	8,3	10,1	12,0





PREÇOS E CÂMBIOS

A inflação passou de 3,0% para 2,5% do terceiro para o quarto trimestre, o que foi determinado sobretudo pelo abrandamento dos preços dos combustíveis. Em Janeiro de 2007 o IPC passou de 2,5% para 2,6%, influenciado principalmente pela aceleração observada nos produtos alimentares.

O Índice de Preços no Consumidor (IPC) registou uma variação homóloga de 2,5% no quarto trimestre, o que representa um decréscimo de 0,5 pontos percentuais (p.p.) face ao trimestre anterior. Em termos mensais, em Janeiro, o IPC registou uma ligeira aceleração (0,1 p.p.), o que sucedeu pelo segundo mês consecutivo, apresentando uma variação homóloga de 2,6%. Note-se que as evoluções observadas em Dezembro e Janeiro representam uma interrupção da tendência descendente que se iniciara em Abril passado, depois de em Março se ter atingido o máximo dos três anos anteriores. Em Janeiro, a inflação subjacente foi de 1,8%, abrandando 0,2 p.p. face ao mês anterior, mas mantendo-se no patamar que tem vigorado desde Setembro de 2005.

O abrandamento verificado do terceiro para o quarto trimestre foi determinado principalmente pelo comportamento da classe “Transportes” (sobretudo via combustíveis), que contribuiu com 0,7 p.p. para a desaceleração de 0,5 p.p. observada. Em sentido contrário, destaque-se a classe “Saúde”, que apresentou um contributo positivo de 0,2 p.p., principalmente em resultado do comportamento dos preços no sub-grupo “Produtos farmacêuticos”. Em Janeiro, a aceleração do IPC resultou sobretudo do comportamento do sub-grupo “Produtos hortícolas” e da classe “Vestuário e calçado”, que contribuíram, cada um, com 0,2 p.p. para a aceleração de 0,1 p.p. verificada. Com contributo em sentido contrário destaque-se o grupo “Tabaco”, cujo abrandamento é justificado pelo desfasamento temporal decorrente de o aumento no ano passado ter ocorrido em Janeiro e este ano ainda não se ter verificado. Em menor grau, a classe “Transportes” (via combustíveis) também apresentou um contributo assinalável para a desaceleração ocorrida.

Em termos da desagregação do IPC entre bens e serviços, ambas as componentes abrandaram no quarto trimestre, porém com especial intensidade no primeiro caso, à semelhança do ocorrido no trimestre anterior. Com efeito, a componente de bens passou de 3,2% no terceiro trimestre para 2,5% no quarto e a de serviços de 2,7% para 2,6%, nos mesmos períodos. A aceleração do IPC em Janeiro, assim como em Dezembro, resultou apenas da componente de bens, tendo a de serviços estabilizado. De facto, nos dois últimos meses o IPC de bens interrompeu a tendência descendente que se iniciara em Abril, registando um crescimento homólogo de 2,6% em Janeiro, mais 0,1 p.p. do que no mês anterior. Ao estabilizar nos dois últimos meses em 2,6%, o IPC dos serviços também veio interromper a tendência descendente que se iniciara em Maio, embora esta fosse menos acentuada do que a dos bens.

O Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC), cuja diferença relativamente ao IPC reside essencialmente na cobertura do consumo de não

residentes, apresentou uma taxa de variação homóloga de 2,6% em Janeiro, mais 0,1 p.p. do que em Dezembro. O diferencial entre a inflação portuguesa e a da Zona Euro terá aumentado face a Dezembro, uma vez que a estimativa rápida do Eurostat para a inflação da Zona Euro aponta para uma estabilização em 1,9%.

A variação homóloga do índice de preços na produção da indústria transformadora evoluiu de 4,9% para 2,8% do terceiro para quarto trimestre e em Janeiro estabilizou em 2,8%. O indicador apresentava um contínuo e significativo abrandamento desde Agosto, motivado pelo acentuado perfil descendente da componente energética, contrariando a tendência ascendente anterior que se iniciara em Agosto de 2005. Note-se que retirando a componente energética o índice apresentou no quarto trimestre apenas um ligeiro abrandamento (de 3,8% para 3,7%). O preço do petróleo no mercado internacional (*Brent*), medido em euros, apresenta uma acentuada tendência descendente desde Março, tendo em Janeiro registado uma variação homóloga de -8,6%, a mínima desde Março de 2004.

As perspectivas dos empresários sobre a evolução dos preços apresentaram-se descendentes no segundo e no terceiro trimestres em todos os sectores, porém apenas nos serviços se prolongou esse movimento no quarto trimestre, tendo os restantes registado comportamentos inversos. Em Janeiro, a evolução foi ascendente em todos os sectores, tendo-se atingido o máximo desde Março de 2001 no Comércio. As expectativas dos consumidores quanto à evolução dos preços apresentaram-se descendentes no quarto trimestre, à semelhança do ocorrido nos quatro trimestres anteriores. Porém, em Janeiro, assim como em Dezembro, este indicador já se apresentou ascendente.

No quarto trimestre, o euro apreciou-se, em termos homólogos, 8,5% relativamente ao dólar, mais 4,0 p.p. do que no trimestre anterior. Em relação ao iene, apreciou-se 8,9%, menos 0,3 p.p. do que no terceiro trimestre. Em termos de evolução homóloga mensal, o euro intensificou a sua apreciação face ao iene, passando de 10,1% em Dezembro para 12,0% em Janeiro, mas face ao dólar sucedeu o inverso, tendo passado de 11,4% para 7,4% nos mesmos períodos, interrompendo a acentuada tendência ascendente iniciada em Janeiro de 2006. Note-se que no primeiro caso se atingiu em Janeiro a variação homóloga máxima desde Agosto de 2003.

Os índices de preços de ambos os fluxos de comércio internacional abrandaram no terceiro trimestre de 2006, porém de forma mais intensa no caso das importações. Os termos de troca registaram um ganho neste período, facto que já não sucedia desde o quarto trimestre de 2002.



SIGLAS

<p>- - não apurado <i>acum12m</i> – valor acumulado dos últimos 12 meses <i>FBCF</i> – Formação Bruta de Capital Fixo <i>ICP</i> – Indicadores de Curto Prazo <i>IPC</i> – Índice de Preços no Consumidor <i>IPI</i> – Índice de produção industrial <i>m. mensal</i> – média mensal de valores diários <i>mm12m</i> – média móvel de 12 meses <i>mm3m</i> – média móvel de 3 meses <i>n.d.</i> – não disponível <i>p.</i> – ponderada <i>PIB</i> – Produto Interno Bruto <i>s.r.e.</i> – saldo de respostas extremas <i>stocks</i> – saldos em fim de mês <i>v.a.</i> – variação anualizada <i>v.c.s.</i> – valores corrigidos de sazonalidade <i>v.e.</i> – valores efectivos <i>v.h.</i> – variação homóloga <i>v.h.m.</i> – variação homóloga mensal <i>v.h.t.</i> – variação homóloga trimestral</p>	<p><i>ACAP</i> – Associação do Comércio Automóvel de Portugal <i>AECOPS</i> – Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas <i>APED</i> – Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição <i>APETRO</i> – Associação Portuguesa de Empresas Petrolíferas <i>BCE</i> – Banco Central Europeu <i>BdP</i> – Banco de Portugal <i>DEM</i> – Departamento de Estatísticas Macroeconómicas (INE) <i>EDP</i> – Electricidade de Portugal <i>FMI</i> – Fundo Monetário Internacional <i>IEFP</i> – Instituto do Emprego e Formação Profissional <i>INE</i> – Instituto Nacional de Estatística <i>ME</i> – Ministério da Economia <i>MF</i> – Ministério das Finanças <i>MSST</i> – Ministério da Segurança Social e do Trabalho <i>OCDE</i> – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico <i>REN</i> – Rede Eléctrica Nacional <i>SDDS</i> – Special Data Dissemination Standard (padrão de qualidade da informação estatística a ser divulgada pelos países membros e que foi estabelecida pelo FMI) <i>SIBS</i> – Sociedade Interbancária de Serviços <i>SN</i> – Siderurgia Nacional Empresa de Produtos Longos <i>UE</i> – União Europeia</p>
---	--

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e ainda outros que também sirvam de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, v.h. sobre mm3m ou, no caso das séries qualitativas, mm3m de v.c.s. ou v.e..

As colunas referentes à informação anual correspondem a mm12m, com excepção das variáveis que se apresentam como v.h. sobre stocks em que o valor anual corresponde à variação do saldo em fim de ano.

Enquadramento Externo

- *PIB dos Países Clientes.* Agregação dos índices (trimestrais) do PIB (2000=100), a preços constantes e com v.c.s., dos Estados Unidos, Japão, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Holanda, Espanha, Suíça e Reino Unido. Ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.
- *Índice de Produção Industrial dos Países Clientes.* Agregação dos índices (mensais) de produção industrial (2000=100), com v.c.s., para os mesmos países considerados na agregação do PIB e utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.
- *Índice de Preços na Produção dos Países Fornecedores.* Agregação dos índices (mensais) de preços de produção (2000=100) para os mesmos países considerados na agregação do PIB. Ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.
- *Índice Harmonizado de Preços no Consumidor na Área Euro.* (2005=100) Apresentação: v.h. para os dados mensais e v.h. sobre mm3m para os dados trimestrais. Fonte: EUROSTAT.
- *Taxa de Desemprego na UE27.* Apresentação: v.c.s, valor para os dados mensais e mm3m para os dados trimestrais. Fonte: EUROSTAT.
- *Carteira de Encomendas na Indústria da UE27.* Inquérito à Indústria Transformadora. Apresentação: s.r.e./v.c.s., valor para os dados mensais e mm3m para os dados trimestrais. Fonte: Comissão Europeia.
- *Indicador de Confiança dos Consumidores na UE27.* Inquérito aos Consumidores. Apresentação: s.r.e./v.c.s., valor para os dados mensais e mm3m para os dados trimestrais. Fonte: Comissão Europeia.
- *Índice de Preços de Matérias Primas.* Índice semanal, 2000=100, em dólares. Fonte: "The Economist".

Actividade Económica

- *Indicador de Clima Económico.* Variável estimada (DEM - INE) com base em séries (s.r.e.) dos Inquéritos Qualitativos de Conjuntura à Indústria Transformadora, ao Comércio, aos Serviços e à Construção e Obras Públicas.



- *Indicador de Actividade Económica.* Variável estimada (DEM - INE) com base nas seguintes séries quantitativas em volume: índice de produção da indústria transformadora, índice de produção de bens intermédios, consumo de energia eléctrica corrigido da temperatura, vendas de combustíveis (gasóleo e gasolina agregados pelos equivalentes energéticos), vendas de cimento no mercado interno, vendas de veículos comerciais pesados e ligeiros, vendas de veículos ligeiros de passageiros e todo o terreno, pedidos de emprego por parte de desempregados ao longo do mês, ofertas de emprego ao longo do mês, dormidas na hotelaria e índice de volume de vendas do comércio a retalho. Variável sujeita a um alisamento de média móvel de 5 termos não centrada.
- *Indicadores de Confiança na Indústria, na Construção, no Comércio e nos Serviços.* Variáveis calculadas com base na agregação de séries (s.r.e) dos respectivos Inquéritos Qualitativos de Conjuntura. Fonte: INE.
- *Índices de Produção na Indústria Transformadora e na Construção (2000=100).* Fonte: INE.
- *Índices de Volume de Negócios Total, Serviços e Indústria Transformadora (2000=100).* O Índice total resulta da agregação do Índice de Serviços e do Índice da Indústria transformadora, sendo os pesos baseados no Inquérito às Empresas Harmonizado de 2000 (IEH 2000). O índice de serviços resulta da agregação do Índice de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e do Índice de volume de Negócios dos Serviços (sem Comércio a Retalho), sendo os pesos também baseados no IEH 2000. Fonte: INE.
- *Procura Interna de Bens Intermédios.* Inquérito de Conjuntura à Indústria Transformadora (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Dormidas na hotelaria.* Fonte: INE.
- *Consumo de Energia Eléctrica.* Evolução corrigida dos dias úteis. Fonte: EDP/REN.
- *Vendas de Gasóleo.* Fonte: APETRO.

Consumo Final

- *Consumo Público.* Indicador da evolução do Consumo Público que agrega as despesas com pessoal e as despesas com bens e serviços do subsector Estado referentes ao ano em causa. Os valores mensais são obtidos por diferença entre valores acumulados consecutivos. Fonte: MF.
- *Indicador Quantitativo do Consumo.* Variável estimada (DEM - INE) através da agregação de séries quantitativas: Índice de Volume de Negócios do Comércio a Retalho (INE) deflacionado pelo IPC (INE); consumo de energia eléctrica (EDP/REN); consumo de combustíveis (Petrolgal e ME); vendas de veículos automóveis (ACAP).
- *Indicador de consumo corrente.* Subagregado do indicador quantitativo de consumo.
- *Indicador de consumo de bens duradouros.* Subagregado do indicador quantitativo de consumo.
- *Indicador Qualitativo do Consumo.* Variável estimada (DEM - INE) através da agregação de séries qualitativas (s.r.e.) provenientes do Inquérito de Conjuntura ao Comércio a Retalho.
- *Indicador de Confiança dos Consumidores.* Inquérito Qualitativo de Conjuntura aos Consumidores (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Situação Económica do Agregado Familiar.* Inquérito de Conjuntura aos Consumidores (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Procura Interna de Bens de Consumo.* Inquérito de Conjuntura à Indústria Transformadora (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Crédito ao Consumo.* Stocks. Crédito a particulares excluindo habitação em Euros. Apresentação: v.h.. Fonte: BdP.
- *Operações da Rede Multibanco.* Montantes de levantamentos, efectuados por nacionais, de pagamentos de serviços e compras em Terminais de Pagamento Automático. Fonte: SIBS.
- *Vendas nos Hipermercados.* Fonte: APED.
- *Vendas de Gasolina.* Fonte: APETRO.
- *Vendas de Automóveis ligeiros de passageiros.* Inclui Veículos de Todo-o-Terreno e Monovolumes. Fonte: ACAP.
- *Vendas no Comércio a Retalho.* Inquérito de Conjuntura ao Comércio a Retalho (s.r.e.). Fonte: INE.

Investimento

- *Indicador de FBCF.* Variável estimada (DEM - INE) através da agregação de séries referentes ao investimento em construção, em máquinas e equipamentos e em material de transporte.
- *Vendas de Cimento.* Vendas de cimento pelas cimenteiras adicionadas das importações (INE) efectuadas por outras entidades. Fonte: CIMPOR, SECIL e INE.
- *Vendas de Varão para Betão.* Vendas adicionadas das importações (INE) efectuadas por outras entidades. Fonte: SN e INE.
- *Carteira de Encomendas na Construção.* Inquérito Qualitativo de Conjuntura à Construção e Obras Públicas (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Licenças para Construção de Habitações Novas.* Fonte: INE.
- *Vendas de Máquinas, Previsão de Encomendas a Fornecedores e Actividade Prevista no Comércio por Grosso.* Inquérito de Conjuntura ao Comércio por Grosso (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Adjudicações de Obras Públicas.* Apresentação: v.h. sobre m.m.12 m.. Fonte: AECOPS.
- *Crédito para Compra de Habitação.* Fonte: M.F. (fluxos trimestrais) e BdP (stocks).
- *Vendas de Veículos Comerciais.* Fonte: ACAP.



Procura Externa

- *Indicador de Procura Externa em valor.* Agregação ponderada (pelas exportações nacionais) do índice mensal (1995=100) do valor (em Euros) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes). Fonte: OCDE e INE.
- *Exportações e Importações de Mercadorias em Valor.* Valores provisórios ajustados e valores definitivos para os períodos mais antigos (os valores definitivos do ano t-1 são divulgados normalmente em Setembro do ano t). Desde a divulgação do apuramento de Junho de 2005 que os dados provisórios ajustados são as estimativas apuradas pelo serviço que produz as estatísticas do comércio internacional, deixando de se recorrer à aplicação das variações, obtidas entre apuramentos equivalentes de anos consecutivos, aos valores definitivos do ano t-1. Os dados referentes aos períodos desde Janeiro de 2004 (com exclusão do valor anual que se manteve conforme o anterior método) são obtidos de acordo com a nova metodologia e incluem as estimativas abaixo dos limiares de assimilação. A informação que Portugal divulga no padrão SDDS do FMI é utilizada como primeira estimativa do comércio externo no último mês (http://www.bportugal.pt/stats/sdds/inf_esta.htm). Fonte: INE.
- *Exportações e Importações de Mercadorias em Volume.* Importações e exportações de mercadorias deflacionadas pelos índices de preços correspondentes. Fonte: INE.
- *Carteira de Encomendas Externa. Inquérito Qualitativo de Conjuntura à Indústria Transformadora.* Apresentação: s.r.e., valor para dados mensais e mm3m para valores trimestrais. Fonte: INE.
- *Evolução Prevista das Exportações.* Inquérito Qualitativo de Conjuntura à Indústria Transformadora (s.r.e.). Fonte: INE.

Mercado de Trabalho

- *Emprego e Desemprego.* Inquérito ao Emprego 1998 (I.E.) com calibragem para as estimativas da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos de 2001. Fonte: INE.
- *Mercado de Trabalho.* Desempregados inscritos e ofertas de emprego. Apresentação: v.c.s./m.m.3m.. Fonte: IEFP.
- *Emprego – Indicadores de Curto Prazo (ICP).* Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria, na Construção e obras Públicas, no Comércio a Retalho e nos Serviços (2000=100). Agregação para o índice total efectuada através de média ponderada pela estrutura do emprego total das Contas Nacionais Anuais (C.N.) de 1995 a 1999. Note-se que o Índice de Serviços (G, H, I e K) exclui as actividades financeiras, a Administração Pública, a educação e a saúde. Fonte: INE.
- *Indicador das Expectativas de Emprego.* Inquérito Qualitativo de Conjuntura à Indústria Transformadora, ao Comércio, aos Serviços e à Construção (média ponderada pela estrutura do emprego por conta de outrem - C.N. de 1995 a 1999) (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Expectativas de Desemprego.* Inquérito Qualitativo de Conjuntura aos Consumidores (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada (ponderada pelo número de trabalhadores abrangidos).* Fonte: MSST.

Preços e Câmbios

- *Índices de Preços no Consumidor.* Até Dezembro de 1997 Total sem Habitação - Continente (1991=100), compatibilizados com base 1997=100. A partir de Janeiro de 1998 Total - Nacional (1997=100). A partir de Janeiro de 2003 Total - Nacional (2002=100). Apresentação: v.h. para dados mensais e v.h. sobre mm3m para dados trimestrais. Fonte: INE.
- *Índice Harmonizado de Preços no Consumidor. (2005=100)* Apresentação: v.h. para dados mensais e v.h. sobre mm3m para dados trimestrais. Fonte: INE.
- *Indicador de Inflação Subjacente.* Variável estimada (DEM - INE) com base em índices de preços no consumidor (2002=100) de 65 grupos de produtos. Apresentação: v.h. para dados mensais e v.h. sobre mm3m para dados trimestrais.
- *Índice de Preços na Produção da Indústria Transformadora.* Total e Total excluindo Alimentares e Energia (indústrias alimentares e produtos petrolíferos). Índices de Preços na Produção Industrial (2000=100). Fonte: INE.
- *Expectativas de Preços na Indústria Transformadora.* Inquérito Qualitativo de Conjuntura à Indústria Transformadora (s.r.e.). Fonte: INE.
- *Taxas de Câmbio.* Apresentação: v.h. de médias mensais de valores diários. Fonte: BCE.